

# O REINADO (1940-2022) DO NASCIMENTO À MORTE, TUDO O QUE ELE FOI E VIVEU

**23/10/1940** Nasce em Três Corações, filho de Celeste Arantes e de João Ramos do Nascimento, o Dondinho.

**1945** Muda-se com a família para Bauru, no interior paulista, onde o pai foi jogar.

**1951** Começa a jogar em categorias de base de times amadores de Bauru. Depois, vai para o juvenil do Bauru Atlético Clube, o Baquinho.

**1/9/1956** Estreia nos profissionais do Santos. Marcou um gol na goleada sobre o Corinthians de Santo André, por 7 a 1.

**7/7/1957** Aos 16 anos e 9 meses, estreia pela seleção brasileira marcando na derrota para a Argentina, por 2 a 1, no Maracanã, pela Copa Roca.

**29/6/1958** Aos 17 anos e oito meses, conquista seu primeiro título mundial pelo Brasil. Fez cinco gols em sua primeira Copa.

**14/12/1958** Conquista seu primeiro título pelo Santos, o Paulista, marcando 58 gols em 38 jogos.

**17/6/1962** Mesmo se machucando na segunda partida, conquista o bicampeonato mundial, no Chile.

**30/8/1962** Conquista invicto a Libertadores, marcando dois gols na vitória sobre o Peñarol (3 a 0). No ano seguinte, foi bi diante do Boca Juniors.

**11/10/1962** O Santos se torna o primeiro brasileiro campeão do Mundial, com cinco gols de Pelé nos dois jogos contra o Benfica. Em 1963, foi bi diante do Milan.

**2/10/1977** Despede-se da carreira profissional na vitória do Cosmos sobre o Santos, por 2 a 1. Jogou um tempo em cada time.

**1975** Aceita proposta milionária para defender o New York Cosmos e ajudar a difundir o futebol nos Estados Unidos.

**2/10/1974** Aos 22 minutos do jogo contra a Ponte Preta, se despede do Santos. Foram 1091 gols com a camisa do Peixe.

**18/7/1971** Despede-se da Seleção Brasileira no empate com a Iugoslávia, por 2 a 2. Foram 92 jogos pelo Brasil, com 77 gols oficiais.

**21/6/1970** No México, se torna o primeiro e único até hoje a conquistar três títulos da Copa do Mundo.

**19/11/1969** Marca o milésimo gol, de pênalti, na vitória do Santos sobre o Vasco, por 2 a 1, no Maracanã. Apesar de haver divergências sobre a data do feito, Pelé festeja este como seu gol 1.000.

**21/2/1966** Casa-se pela primeira vez, com Rosemeri Cholbi, de quem se separou em 1978. Tiveram três filhos: Kelly Cristina (nascida em 1967), Edson, o Edinho (1970), e Jennifer (1978).

**1990** Veste a camisa do Brasil pela última vez, em amistoso comemorativo pelos seus 50 anos, em Milão.

**1990** Reconhece a paternidade de Flávia Kurtz, fruto de um relacionamento com a então estudante Lenita Kurtz, em 1970.

**30/4/1994** Casa-se pela segunda vez, com a psicóloga Assíria Lemos.

**1996** Depois de batalha judicial, reconhece Sandra Regina Machado, nascida em 1964, como filha.

**1998** Dá nome à Lei Pelé, que estabelece normas sobre a relação entre atletas e clubes.

**1999** Eleito o futebolista do século pela Fifa e pela revista Sports Illustrated.

**2008** Separa-se de Assíria. Do casamento nasceram os dois filhos mais novos do Rei: os gêmeos Joshua e Celeste.

**11/2014** É internado duas vezes em um mês para retorta de cálculos renais e, depois, infecção urinária.

**23/10/2020** Celebra o aniversário de 80 anos e é festejado com mensagens do mundo todo.

**31/08/2021** Em exame em São Paulo é identificado um tumor no cólon direito.

**29/12/2022** Pelé morre aos 82 anos, em decorrência de falência múltipla dos órgãos, resultado das complicações de um câncer de cólon.

Editoria de Arte

## GUSTAVO POLI



### Pelé no tempo e no espaço

Três dias antes de morrer, o mineiro João Guimarães Rosa fez um discurso em que disse que as pessoas não morriam, ficavam encantadas. Estava assumindo sua cadeira na Academia Brasileira de Letras. Enquanto Pelé morria aos poucos, essa frase me sobrevivou. Pelé estava se encantando. Nos últimos dias, quanto mais se falava na

iminentemente morte do Rei, mais eu pensava num episódio engraçado dele na Fórmula 1. Aconteceu em 2002, Pelé recebera a missão de dar a bandeira final do GP do Brasil em Interlagos e não percebeu quando o líder Michael Schumacher apontou na reta. Galvão Bueno se esgoelou na narração tentando avisar: —Vai passar, Pelé! Vai passar, Pelé! Schumacher passou e Pelé não deu a bandeira numa gafe cômica. Mas por que, entre tantas memórias, eu me lembrei dessa cena prosaica logo nesta semana? Talvez fosse a contradição entre “vai passar” e “Pelé”. Não vi Pelé jogar. Conheci o Pelé como Super-Homem aposentado, algumas Lois Lanes depois, já sem capa nem superpoderes. Ele não era mais o jogador que parecia atravessar os outros, subir mais que o permitido aos humanos, cabecear de olhos abertos, transformar esferas e retângulos em formas impenetráveis, invadir áreas, dominar países. Não, esse Pelé eu não vi. Vi outro — o ex-jogador, que tinha outros poderes. Um sorriso capaz de cativar qualquer um. Uma simplicidade que desarmava a audiência mais hostil.

Uma aura de eletricidade hipnotizante. Era um super-herói sem identidade secreta — sua profissão cotidiana era ser Pelé. Era embaixador de si mesmo — e de uma brasilidade maior. E era isso que Pelé fazia diariamente, era Pelé. Por onde passava exercia sua condição de Pelé: dava autógrafos, abraços, tirava fotos, promovia eventos. Obviamente, em alguma camada abaixo da entidade, estava Edson, o filho de Dondinho que um dia detonou Três Corações e as Minas Gerais para ganhar Santos, São Paulo, Brasil e o mundo. Mas Edson sempre soueu uma inversão — era o alter ego comum do super-herói constante. A condição natural era Pelé — o primeiro e incomparável astro global, o Atleta do Século, o Rei do futebol. Edson era o veículo. O soco no ar se tornou ícone e mensagem. Ali se resume o mistério de Pelé: ele não passa. Tudo pode passar por Pelé, mas Pelé

não passa. Ele é a constante cosmológica sonhada por Einstein — e desmentida pela ciência. Pelé é incapaz de passar, e evidentemente a morte haveria de compreender essa impossibilidade. E durante muito tempo ela compreendeu. Até que ontem, por extremo ofício e obrigação, claramente contrariada, a indesejada das gentes baixou em São Paulo para recolhê-lo. E chegou ciente que teria capacidade de levar apenas o Edson. Ou o corpo que já era Edson antes do nascimento — como dizia a anedota. Mas as duas sílabas que transmitiram Brasil por toda parte não vão embora. Nos anos 70, foi lançado um documentário que se chamava “Isto é Pelé”. O craque já tinha parado, mas o título era no presente: Isto é. Como se fosse algo que sempre tinha acontecido e continuasse a acontecer. Agora, diante do apito realmente final, a sensação é parecida. Enquanto Edson desce para o vestiário, Pelé permanece em campo, com a 10 nas costas e a bola eterna nos pés. É tempo de seu encantamento no jogo que nunca termina.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Pelé **Caderno:** Pelé **Página:** 4